

GRAMATICALIZAÇÃO E REANÁLISE NO SINTAGMA VERBAL

MARIA ANTONIETA AMARANTE DE MENDONÇA COHEN

O tópico que quero desenvolver, brevemente, aqui, pretende ser uma amostra do que pode ser feito em termos de Sintaxe Diacrônica, aplicada a uma língua românica. Vou tratar do entrelaçamento de dois processos diacrônicos: um, tradicionalmente conhecido, a gramaticalização; e outro, um pouco mais recente - data dos anos 70 - chamado "reanálise", nos moldes de Timberlake (1977) e Bynon (1985).

Compare-se (1) a (2) do Português Contemporâneo, em que não há concordância do Particípio Passado "escrito", com "os contos".

(1) Os contos que ele tem escritos são bons

(2) Os contos que ele tem escrito são bons.

Também em (3), do Português Antigo, evidencia-se a concordância:

(3) Tenho vyatos e quvydos muitos enxemeros.

(séc. XV - Leal Conselheiro)

A mudança - da existência da concordância> ausência da mesma -, parece ter atingido uma determinada classe de verbos, já que no Português Contemporâneo, ainda se encontram resquícios da mesma, como em (4) e (5). Neste último, a variabilidade da concordância se evidencia: "feitos" concorda em gênero e número com "alguns milagres", mas "produzido" não concorda com "trabalhos". Está na forma invariável.

(4) Ela teve seu pedido de bolsa recusado pela comissão.

(5) "No entanto, as universidades tem feitos alguns milagres e produzido trabalhos de relevância".

Observe-se como era a concordância do Particípio Passado com o Objeto Direto na fase antiga da língua e como é hoje.

Os casos citados acima estão longe de fornecer uma descrição do processo de gramaticalização neles envolvido. Apenas um registro das mudanças lingüísticas e de seus resultados foram apresentados sem quaisquer referências tanto aos mecanismos de realização da gramaticalização, quanto às condições para a efetivação da mesma.

Segundo Bynon (1985), a gramaticalização caracteriza-se por ser um processo complexo, no qual vários níveis gramaticais se entrelaçam. Na formação dessas perífrases de perfeito de "ter", várias etapas podem ser identificadas. Primeiro, - e este não é um aspecto incontroverso -, poderíamos postular a substituição de "haver" por "ter", inicialmente em contextos em que este ocorresse transitivamente e depois como auxiliar. Não saberia dizer, a esta altura, como efetivamente se deu tal substituição, mas gostaria de mostrar que há processos de substituição léxica ao lado de outros processos que culminam na gramaticalização.

Os textos mais antigos em Língua Portuguesa - dos séculos XIII, XIV - registram, predominantemente "haver" nas construções perífrásticas. Por volta do século XIII "haver" aparece em variação com "ter", até que este predomina sobre o outro nas perífrases de perfeito, mas não o elimina totalmente. No Português Contemporâneo usa-se o "haver" ainda no imperfeito, mas nos outros tempos já não se usa mais: "eu havia mencionado" é possível hoje, mas "eu *hei falado" não o é.

Além dessa substituição léxica haver/ter, houve um esvaziamento semântico de "ter". Ele perdeu seu significado lexical de "possuir" e passou simplesmente a ser um marcador de tempo/pessoa. Ocorreu, então aquilo que se identifica, normalmente, como gramaticalização.

Fala-se em gramaticalização quando um vocábulo lexical, de conteúdo nocional, referente a algo/alguma ação,

perde seu significado próprio e passa a ser somente um instrumento gramatical. Acontece, assim, um processo de esvaziamento semântico. No caso de "ter", sob análise aqui, não foi só isso que ocorreu. Talvez, por isso, eu prefira chamar a todo o processo de reanálise, que, por sua vez, terá como efeito uma forma gramaticalizada.

No século XVI, a variação entre a concordância do Particípio com o Objeto e sua ausência são registradas, por exemplo, em Os Lusíadas. Vejam-se (6), (7) e (8).

(6) "E porque, como vistes, tem passado

Na viagem, tão ásperos-perigos,

(...) (Lus. I, 29)

(7) "Nas águas tem passado o duro inverno."

(Lus. I, 28)

(8) "Co' ódio que ocupado os peitos tinha."

(Lus. IV, 4)

No âmbito dos estudos românicos são casos clássicos de gramaticalização, observados e tratados através de seus resultados, o do futuro sintético românico, evidenciado no Português "amarei", no Francês "j'amerai", em que a forma verbal "habeo", de um verbo com significado lexical completo, presente na perífrase latina "amare habeo" - da qual o futuro sintético deriva - passa a ser o marcador de tempo/pessoa gramatical nas línguas românicas e, ainda, o uso de "ter", como auxiliar, nas perífrases de futuro do Português, também um caso de gramaticalização, como se verá. O verbo se torna um instrumento

gramatical, desprovido de significado lexical. Passa, simplesmente, a marcar categorias dentro da língua.

Normalmente, estes casos de gramaticalização são tratados muito superficialmente nos trabalhos que se lê sobre o assunto. São estudados no seu aspecto semântico, apenas. No caso específico de "ter", parece-me que o aspecto semântico é um dos aspectos da gramaticalização, mas que há outros fatores envolvidos no fenómeno como um todo.

O processo de mudança lingüística, e isso eu quero enfatizar, especialmente o de mudança sintática, intersecciona níveis gramaticais diversos: ele vai envolver processos de natureza semântica, pragmática, fonológica, que vão culminar num efeito sintático. É todo um conjunto de fatores, de condições, que fazem com que a mudança, no final, seja sintática, tomam parte, na sua história, vários níveis de análise gramatical.

Vejamos, então os casos de gramaticalização de "ter". Em (9), estranha-nos o fato de "provada" concordar com o Objeto Direto "nobre cavalaria", diferentemente do Português Contemporâneo, em que tal concordância não ocorre.

(9) "E porque desemperaste meus filhos que me escusavam nas fazendas, que eram ja melhores que mim, e a mea cavalaria, que eu havia provada em muitas fazendas, e partiste de mim meas molheres e meas filhas..."

(séc. XIV - Batalha de Salado)

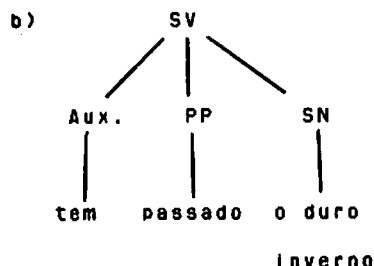
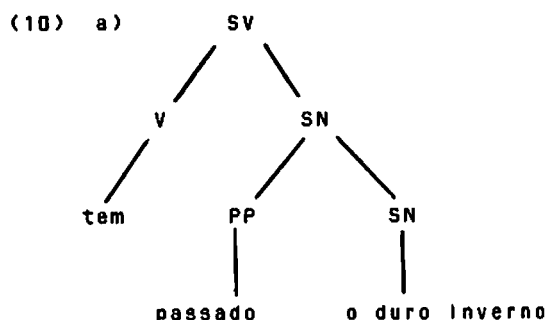
(8) "Co' ódio que ocupado os peitos tinha."

Em (6) há concordância de "passados" com "ásperos perigos", ambos no masculino plural. Em (8) já não há concordância: o objeto está no masculino plural e o particípio passado no masculino singular. (7) é um tipo ambíguo, com se verá adiante.

Ainda outros dois aspectos parecem ser relevantes na reanálise de "ter" como auxiliar: a ordenação linear do Particípio, Objeto e "haver/ter" (Cf. Naro & Lemle, 1976) e o número/gênero do Particípio.

Parece-me que a gênese da ausência da concordância de Particípio Passado e Objeto do Português Moderno está em exemplos como (7), no qual a concordância entre esses dois sintagmas se efetua no masculino singular. Em "eu tenho lido muitos livros", do Português Contemporâneo, o *q* de "lido" não é marca de masculino, como o *q* de "passado" em (7) parece ser. Para que o falante tenha passado a interpretar (7) como uma estrutura em que não há concordância entre particípio e objeto, ou seja, que "passado" tenha sido reinterpretada como uma forma invariável, esta estrutura teria de ser senão ambígua, pelo menos opaca. A ambigüidade, ou opacidade, seria, no caso, de natureza morfo-sintática, pois tanto o gênero/número dos constituintes como sua própria constituição estariam em jogo. A questão seria, então, colocada nos seguintes termos: "passado", em (7), seria percebido pelo usuário da língua do século XVI como masculino singular concordando com "o duro inverno", ou como invariável, em

termos da concordância nominal? Além disso, "passado" seria um constituinte do Sintagma Nominal "o duro inverno", ou do Sintagma Verbal "tem"? A possibilidade de ser constituinte de um ou outro sintagma é que torna a estrutura ambígua/opaca. Assim, (7) pode ter tanto a descrição (10a) quanto (10b):



Uma das ordens de colocação do Particípio/Objeto/Verbo certamente favoreceu a reanálise. Não discutiremos este aspecto aqui.

O falante/usuário da língua, em face desta complexidade, ambigüidade, opacidade, optaria por uma das leituras/análises, fixando um padrão até então variável na língua.

Diferentemente das línguas germânicas, em que a condição de identidade do Sujeito - Condição Equi- atua na reanálise que transforma verbos de conteúdo nocional em auxiliares, nas línguas românicas, no caso de "ter" do Português, especificamente, a condição de identidade parece envolver o

Objeto. Não detalharei este aspecto também aqui, mas espero ter mostrado que na reanálise de "ter", de verbo nocional > auxiliar, o Particípio que era parte de um Sintagma Nominal passa a fazer parte do Sintagma Verbal. Assim a redistribuição sintática dos constituintes ocorrida na evolução do Português Antigo para o Moderno parece depender de fatores outros que não apenas sintáticos, a saber: substituição de "haver" por "ter" (léxico); esvaziamento semântico de "ter"; identidade de gênero/número (morfo-sintático); ordenação linear dos constituintes (sintático). Todos estes fatores teriam favorecido a reanálise culminando no que tradicionalmente se chama de gramaticalização de "ter".